


 Título: Cordas e Cicatrizes

 Sinopse:

Joseph nunca sonhou com glória — ele só queria sobreviver. Crescido entre becos estreitos e promessas quebradas no subúrbio de São Paulo, encontrou no boxe não um caminho para fama, mas uma fuga da violência que o cercava. Agora, aos 28 anos, ele treina numa academia decadente chamada Punhos de Aço, onde o cheiro de suor é tão forte quanto os fantasmas que o perseguem.

Com um irmão mais novo à beira de se perder nas ruas e um treinador alcoólatra que vive das memórias de um cinturão esquecido, Joseph se vê diante da maior luta de sua vida: vencer o campeonato nacional e conquistar um futuro que parece sempre escapar por entre os dedos.

Mas o ringue não é o único campo de batalha. Entre rivais protegidos pela mídia, promotores corruptos, e uma mente atormentada por insônia e ansiedade, Joseph precisa aprender que vencer não é só bater mais forte — é aguentar cada golpe sem perder quem se é.

Cordas e Cicatrizes é uma jornada crua e visceral sobre dor, redenção e a beleza brutal de nunca desistir. Um romance onde cada round é uma metáfora, e cada cicatriz conta uma história que não se vê na televisão.

Capítulo 1 — Primeiro Round

O despertador não tocou. Joseph acordou com o som da chuva batendo no telhado de zinco, como se o mundo estivesse tentando avisá-lo que o dia seria pesado. A luz fraca da manhã entrava pela janela quebrada, iluminando o colchão no chão e o par de luvas pendurado na parede — desgastadas, mas ainda firmes. Como ele.

O café era preto e amargo, feito com o último pó que restava. O irmão mais novo, Lucas, ainda dormia no quarto ao lado, envolto num cobertor furado e sonhos que Joseph sabia que não durariam muito. Ele olhou para o garoto por um instante antes de sair. Não havia tempo para promessas. Só treino.

A academia Punhos de Aço ficava a três quarteirões dali, entre uma oficina e um bar que nunca fechava. O letreiro estava apagado, e o portão enferrujado rangia como sempre. Lá dentro, o cheiro de suor, couro e desinfetante era familiar — quase reconfortante.

— Você tá atrasado — rosnou o treinador, Raul, sem olhar para ele. — Atraso não ganha luta.

Joseph não respondeu. Amarrava as bandagens com precisão, como quem prepara um ritual. O saco de pancadas balançava no canto, esperando por ele. Cada golpe que dava era uma conversa com o passado. Cada esquiva, uma tentativa de escapar do futuro.

— Você não vai ganhar só com técnica — disse Raul, acendendo um cigarro. — Vai ter que apanhar até aprender a bater com raiva.

Joseph sabia disso. Mas não era a raiva que o movia. Era o medo. Medo de falhar. Medo de voltar pra casa com os olhos roxos e o bolso vazio. Medo de ver Lucas seguir o mesmo caminho que ele tentava evitar.

O treino começou. Socos secos, esquivas rápidas, corda, sombra. O corpo obedecia, mas a mente vagava. Pensava no campeonato nacional, na chance de mudar tudo. Pensava no rival, Davi “O Martelo”, que já tinha patrocínio, mídia e um ego do tamanho de um ringue.

Mas Joseph tinha algo que Davi não tinha: fome. Não de glória. De sobrevivência.

Capítulo 2 — O Rival

O ginásio estava lotado. Não para uma luta — ainda não — mas para a coletiva de imprensa do campeonato nacional. Câmeras, microfones, flashes. Joseph se sentia deslocado, como um intruso num mundo que não o reconhecia. Seu moletom surrado contrastava com os ternos e os patrocinadores estampados nas jaquetas dos outros lutadores.

No centro do palco, Davi “O Martelo” sorria como se já tivesse vencido. Alto, musculoso, com um corte de cabelo milimetricamente calculado e uma arrogância que preenchia o ambiente. Ele falava com os jornalistas como quem dá ordens.

— Esse ano vai ser fácil. Não tem ninguém à altura. — disse, olhando diretamente para Joseph, como se já soubesse quem era o azarão da história.

Joseph não respondeu. Só apertou os punhos. Ele sabia que Davi era forte. Mas também sabia que força demais pode virar confiança cega. E confiança cega é vulnerável.

Raul, o treinador, apareceu ao lado dele, com cheiro de cigarro e olhar desconfiado.

— Não se deixa levar por esse teatro. O ringue é outro mundo. Lá, ele não tem plateia pra proteger.

Joseph observava. Cada gesto de Davi, cada palavra, cada risada falsa. Era como estudar um animal antes da caçada. Ele não queria ser como Davi. Queria vencê-lo. E não por fama — mas porque Davi representava tudo o que o sistema premiava: aparência, dinheiro, influência. Joseph queria provar que ainda havia espaço para quem só tinha coragem e cicatrizes.

Na saída, Davi cruzou com ele no corredor. Parou, olhou de cima a baixo, e disse:

— Você é o tal Joseph, né? O cara da academia de fundo de quintal. Boa sorte. Vai precisar.

Joseph encarou, firme.

— Sorte é pra quem não treina.

Davi riu e seguiu. Mas por um instante, hesitou. E Joseph viu. Viu que por trás da pose, havia medo. Medo de perder para alguém que não deveria estar ali.

Capítulo 3 — Cordas Soltas

O saco de pancadas já não parecia um inimigo. Parecia um espelho. Cada golpe que Joseph dava voltava em forma de dor nos ombros, nos pulsos, nas costas. O corpo estava começando a reclamar, e ele sabia que não podia ignorar por muito tempo.

Raul observava em silêncio, sentado num banco com a garrafa de cachaça escondida dentro da mochila. O treinador não falava muito nos últimos dias. Só olhava, como se estivesse esperando Joseph quebrar.

— Você tá se cobrando demais — disse Raul, finalmente. — Isso aqui não é só músculo. É cabeça. E a sua tá cheia demais.

Joseph parou. Respirou fundo. Ele sabia que Raul estava certo. Desde a coletiva, desde o olhar de Davi, algo dentro dele estava desajustado. A ansiedade vinha à noite, como um adversário invisível. O sono era leve, os sonhos pesados.

Naquela tarde, depois do treino, Joseph passou na escola onde Lucas estudava. O garoto estava na diretoria — de novo. Briga. Um corte no supercílio. Olhos desafiadores.

— Ele chamou a mãe de drogada — disse Lucas, sem arrependimento.

Joseph não respondeu. Só levou o irmão pra casa em silêncio. No caminho, pensava em como o mundo parecia sempre pronto pra derrubar os dois. Como se cada dia fosse um round, e eles estivessem sempre contra as cordas.

Naquela noite, Joseph tentou dormir. Mas o som da chuva voltou, como no dia anterior. E com ele, os pensamentos. Davi. Raul. Lucas. O campeonato. As contas. O medo.

Ele se levantou, foi até a parede, e encarou as luvas penduradas.

Cordas soltas. Mas ainda firmes.

Capítulo 4 — A Infância

Antes das luvas, havia os punhos. Antes do treinador, havia o silêncio. Joseph cresceu num bairro onde o barulho dos tiros era mais comum que o som de risadas. A mãe trabalhava em dois empregos e ainda assim faltava arroz no fim do mês. O pai? Ninguém falava dele. Só havia uma foto rasgada na gaveta e um nome que ninguém queria repetir.

Lucas nasceu quando Joseph tinha dez. E foi aí que ele aprendeu a lutar — não com socos, mas com sacrifícios. Aprendeu a dividir o pão, a mentir pra mãe dizendo que já tinha comido, a esconder o medo quando os vizinhos gritavam à noite.

A escola era um campo de batalha diferente. Joseph não era o mais forte, nem o mais rápido. Mas era o que aguentava mais. Apanhava e voltava. Caía e levantava. Foi ali que ele descobriu que resistência era uma forma de poder.

A primeira vez que viu um ringue foi aos treze, pela televisão de tubo da vizinha. Um lutador caiu, sangrando, e se levantou. Joseph não entendeu as regras, mas entendeu o gesto. Levantar. Sempre levantar.

Raul apareceu quando Joseph tinha quinze. Um velho ranzinza que dava treinos em troca de limpeza na academia. Joseph varria o chão, limpava os banheiros, e em troca aprendia a esquivar, a respirar, a esperar o momento certo.

— Você não tem talento — disse Raul no primeiro dia. — Mas tem fome. E isso vale mais.

Joseph nunca esqueceu essa frase. Porque talento pode falhar. Fome, não.

Capítulo 5 — Eliminatórias

O ginásio era menor do que Joseph imaginava. As arquibancadas de concreto estavam cheias, mas o ar parecia pesado, abafado. O som dos gritos e das apostas ecoava como um tambor dentro do peito. Raul ajustava as bandagens com mãos trêmulas, o cheiro de álcool ainda presente.

— Lembra do que eu te disse — murmurou. — Técnica segura. Raiva derruba. Mas é o sangue frio que vence.

Joseph assentiu em silêncio. O adversário era um veterano chamado Nando “Cão de Rua”, conhecido por aguentar pancadas como se fosse feito de pedra. Não era bonito de ver, mas era eficaz. Joseph sabia que não podia se deixar levar pela força. Precisava pensar. Precisava respirar.

O juiz chamou os lutadores. Joseph entrou no ringue com passos firmes, mas o coração acelerado. As cordas pareciam mais altas do que nos treinos. O chão mais instável. E os olhos da plateia, mais pesados.

Primeiro round. Nando veio com tudo. Socos curtos, secos, agressivos. Joseph esquivava, tentava manter distância, mas sentia o impacto mesmo sem ser atingido. Era como lutar contra uma parede em movimento.

Segundo round. Joseph começou a encontrar o ritmo. Jab, esquiva, direto. Um corte apareceu no supercílio de Nando. Raul gritou do canto:

— Agora! Respira e bate!

Terceiro round. Nando cansava. Joseph acelerava. Um cruzado bem colocado fez o adversário cambalear. A plateia rugiu. Joseph sentiu algo diferente — não era raiva, nem medo. Era clareza. Pela primeira vez, o ringue parecia seu.

Quarto round. Nando caiu. Não por força. Por estratégia. Joseph não comemorou. Só respirou fundo, olhou para Raul, e depois para o céu do ginásio. Um round vencido. Uma guerra ainda por vir.

Na saída, um repórter se aproximou.

— Joseph, você venceu. Como se sente?

Ele respondeu sem pensar:

— Aliviado. Mas ainda falta o Martelo.

Capítulo 6 — Feridas Invisíveis

Joseph acordou com o corpo dolorido, mas foi a cabeça que pesava mais. A vitória contra Nando “Cão de Rua” tinha sido limpa, estratégica, quase perfeita. Mas ninguém fala sobre o que acontece depois que as luzes se apagam.

O supercílio estava inchado, o ombro latejava, e a mão direita tremia levemente. Raul dizia que era normal. Que o corpo se adapta. Mas Joseph sabia que não era só físico. Era o vazio que vinha depois. A sensação de que, mesmo vencendo, algo continuava faltando.

Lucas estava mais calado do que o normal. Desde a última briga na escola, evitava olhar nos olhos do irmão. Joseph tentava conversar, mas o garoto se fechava. E isso doía mais do que qualquer soco.

Na academia, Raul o colocou para treinar leve. Cordas, sombra, respiração. Mas Joseph não conseguia se concentrar. A mente vagava. Pensava no pai — ou no que restava dele. Uma lembrança fragmentada de gritos, portas batendo, e uma mão pesada demais para um menino de dez anos.

— Você tá com a cabeça longe — disse Raul, jogando a toalha no chão. — Isso é perigoso. No ringue, distração é convite pra cair.

Joseph assentiu. Mas não respondeu. Porque ele sabia que o ringue não era o único lugar onde se caía.

Naquela noite, ele tentou escrever. Pegou um caderno velho e começou a rabiscar frases soltas. “Dor não tem rosto.” “Silêncio pesa.” “Ganhar não cura.” Fechou o caderno e deixou embaixo do colchão.

Feridas invisíveis. Ninguém vê. Mas elas sangram.

Capítulo 7 — O Peso da Fama

A entrevista com Joseph viralizou. Um trecho curto, quase banal: “Sorte é pra quem não treina.” Bastou isso para que os blogs esportivos começassem a falar dele. “O desafiante silencioso.” “O anti-herói do boxe nacional.” “O caçador do Martelo.”

Joseph não gostava da atenção. Nunca treinou para ser visto — treinou para sobreviver. Mas agora, cada vez que entrava na academia, havia alguém com celular na mão. Raul mandava todos embora, mas a fama já tinha atravessado as cordas.

Lucas, por outro lado, parecia animado. Mostrava os vídeos para os colegas, falava do irmão como se fosse um super-herói. Joseph tentava sorrir, mas sentia o peso. Porque quanto mais gente torcia, mais ele temia decepcionar.

Na semana seguinte, um empresário apareceu. Terno caro, sorriso treinado, proposta rápida:

— Você tem carisma. Tem história. Podemos transformar isso em contrato, patrocínio, mídia. Mas precisa mudar o estilo. Ser mais agressivo. Mais espetáculo.

Joseph recusou. Raul apoiou, mas com um aviso:

— Eles vão tentar te comprar. E se não conseguirem, vão tentar te quebrar.

Naquela noite, Joseph treinou sozinho. O saco de pancadas não respondia, mas ele falava com ele mesmo. Pensava em Davi, no campeonato, no pai, na infância. Pensava no que significava vencer — e no que custava ser visto.

Fama não pesa no ombro. Pesa na alma.

Capítulo 8 — O Martelo

O shopping era luxuoso, com pisos brilhantes e vitrines que pareciam obras de arte. Joseph estava ali por acaso — precisava comprar uma tala para o punho, e aquela era a única farmácia aberta no domingo. Sentia-se deslocado, como um intruso num mundo que não o incluía.

Foi quando viu Davi.

O Martelo estava cercado por fãs, tirando fotos, distribuindo autógrafos com um sorriso treinado. Usava um moletom de marca, tênis que custavam mais do que o aluguel de Joseph, e uma confiança que parecia inabalável.

Joseph tentou passar despercebido, mas Davi o viu. E veio até ele.

— Olha só quem apareceu — disse, com um sorriso enviesado. — O herói da periferia. Tá pronto pra cair no ringue?

Joseph manteve a calma. Olhou nos olhos de Davi e respondeu:

— Tô pronto pra lutar. Cair não tá nos planos.

Davi riu, mas havia algo diferente. Um traço de tensão. Como se a presença de Joseph o incomodasse mais do que ele admitia.

— Você tem garra, eu admito. Mas isso aqui — disse, apontando ao redor — é o que vem com vitória. Você acha que vai chegar aqui com esforço e silêncio? Isso é um jogo, Joseph. E você ainda tá aprendendo as regras.

Joseph se aproximou, sem levantar a voz.

— Eu não jogo. Eu luto. E no ringue, não tem vitrine. Só dois homens. E a verdade.

Davi ficou em silêncio por um segundo. Depois se afastou, voltando para os flashes e os fãs. Mas Joseph viu. Viu que, por trás da fama, havia insegurança. E que o Martelo, por mais forte que fosse, também tinha rachaduras.

Na saída, Joseph comprou a tala, colocou no punho, e olhou para a própria mão. Ainda firme. Ainda pronta.

O Martelo podia ter mídia. Mas Joseph tinha propósito.

Capítulo 9 — Contra as Cordas

O segundo combate das eliminatórias parecia simples no papel. O adversário, um novato chamado Rômulo “Ferro”, tinha pouca experiência e nenhum destaque. Mas o ringue não respeita estatísticas.

Joseph entrou confiante. Talvez demais. Os primeiros rounds foram equilibrados, mas algo estava errado. O corpo não respondia como antes. As pernas pesavam. A respiração falhava. E Rômulo, com olhos determinados, aproveitava cada brecha.

No terceiro round, um direto no fígado fez Joseph dobrar. Raul gritou do canto, mas o som parecia distante. O mundo girava. Joseph tentava se manter em pé, mas o corpo já não obedecia.

Quarto round. Queda. Silêncio. O juiz contou até oito. Joseph se levantou, cambaleando. Lutou até o fim, mas perdeu por decisão unânime.

Na saída, os flashes estavam lá. Mas não para celebrar. Para registrar a queda.

Lucas não apareceu. Raul não falou. Joseph caminhou sozinho até a academia, entrou, e sentou no chão. As luvas ainda estavam nas mãos. Mas ele não sentia os dedos.

A derrota não era só no placar. Era dentro. Era a dúvida que crescia. Será que ele era mesmo capaz? Será que o sonho era só ilusão?

Naquela noite, ele não dormiu. Escreveu no caderno:

“Hoje eu caí. Mas amanhã, eu levanto. Porque é isso que eu sou. Queda e retorno.”

Contra as cordas. Mas ainda em pé.

Capítulo 10 — Recomeço

A notícia chegou numa manhã cinzenta, como tudo ultimamente. Raul entrou na academia com um envelope amassado e um olhar que misturava surpresa e esperança.

— Repescagem. Um dos classificados se lesionou. Você tem uma vaga. Mas é daqui a cinco dias.

Joseph olhou para o papel. Sentiu o peso da oportunidade. E da dúvida.

O corpo ainda doía. O punho estava fraco. A mente, mais ainda. Desde a derrota, ele treinava em silêncio, mas sem alma. Como se estivesse cumprindo uma pena, não perseguindo um sonho.

Lucas apareceu na porta da academia naquela tarde. Trazia um caderno na mão — o mesmo onde Joseph escrevia. Tinha lido tudo. As frases soltas. As dores escondidas.

— Você não é só soco, mano. Você é história. E história boa não termina no capítulo nove.

Joseph sorriu pela primeira vez em dias. E naquele sorriso, algo reacendeu.

Nos dias seguintes, o treino mudou. Não era mais sobre técnica. Era sobre reconstrução. Raul parou de gritar. Começou a ensinar. Joseph reaprendeu a respirar, a mover o corpo com inteligência, a ouvir o silêncio entre os golpes.

Na véspera da luta, Joseph escreveu no caderno:

“Não é sobre voltar ao campeonato. É sobre voltar a mim.”

Ele olhou para as luvas. As mesmas de sempre. Gastas, mas fiéis. E soube: estava pronto. Não para vencer. Mas para lutar de verdade.

Capítulo 11 — Último Round

O ginásio estava lotado. Luzes intensas, câmeras em todos os ângulos, comentaristas exaltando a rivalidade. Joseph sentia o suor escorrer antes mesmo de subir no ringue. Raul apertava suas bandagens com mais força do que o necessário. Era o jeito dele de dizer “vai lá”.

Lucas estava na arquibancada. Pela primeira vez, com um olhar que misturava orgulho e medo. Joseph o viu e sentiu o peso de tudo que carregava: infância, derrotas, cicatrizes, promessas.

Davi entrou com pompa. Música alta, equipe numerosa, flashes. Joseph entrou em silêncio. Sem trilha sonora. Só o som dos próprios passos.

Primeiro round. Davi veio agressivo, como esperado. Joseph esquivava, estudava, absorvia. Sabia que não podia vencer na força — precisava vencer na mente.

Segundo round. Joseph começou a responder. Jabs precisos, movimentação leve. Davi se irritava. A plateia dividida. Raul gritava:

— Respira! Ele tá perdendo o controle!

Terceiro round. Um cruzado de Davi acertou em cheio. Joseph cambaleou. Viu flashes. Sentiu o gosto de sangue. Mas ficou em pé. Porque cair não era opção.

Quarto, quinto, sexto. A luta virou guerra. Cada golpe era uma lembrança. Cada esquiva, uma escolha. Joseph pensava no pai, na infância, nas noites sem sono. Pensava em Lucas. Pensava no que significava vencer.

Último round. Ambos exaustos. Davi tentava manter a pose, mas os olhos denunciavam o cansaço. Joseph respirou fundo. Lembrou da frase de Raul:

“Raiva derruba. Sangue frio vence.”

Ele avançou. Um direto. Um cruzado. Um upper. Davi caiu.

Silêncio. Depois, explosão.

Joseph não comemorou. Só olhou para Raul. Depois para Lucas. E então para o céu do ginásio.

Não era só uma vitória. Era sobrevivência. Era redenção.
Capítulo 12 — Depois do Gongô

O ginásio estava vazio. As luzes apagadas, o ringue desmontado, os gritos já virados memória. Joseph voltou ali dois dias depois da luta, sozinho. Queria ouvir o silêncio. Queria entender o que vinha depois.

A vitória contra Davi “O Martelo” foi manchete. “O desafiante que calou a mídia.” “O lutador que venceu com técnica e alma.” Convites começaram a chegar: entrevistas, contratos, patrocínios. Mas Joseph não respondeu de imediato. Precisava respirar.

Raul apareceu na academia com um sorriso raro. Sem garrafa. Sem bronca.

— Você fez mais do que vencer. Você provou que ainda dá pra lutar com verdade.

Joseph agradeceu. Mas sabia que a luta real começava agora. Manter a essência. Proteger Lucas. Honrar cada cicatriz.

Naquela noite, ele voltou pra casa, tirou as luvas da parede e colocou dentro de uma caixa. Não como fim. Mas como marco. Porque agora, ele lutava por algo maior: por voz, por espaço, por outros que ainda estavam contra as cordas.

Lucas entrou no quarto com o caderno nas mãos.

— Escreve mais, mano. Sua história não acabou.

Joseph sorriu. Pegou a caneta. E escreveu:

“Depois do gongô, vem o silêncio. E no silêncio, nasce o próximo round.”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "□ Título- Cordas e Cicatrizes" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).